



SEÇÃO DOSSIÊ / ARTIGO ORIGINAL

A formação da consciência moral através de uma cultura do encontro: um caminho para a formação da juventude

The formation of moral conscience through a culture of meeting: a way for the formation of youth

Talis Pagot¹

orcid.org/0000-0001-9633-5478
talispagot@gmail.com

Recebido em: 23 mar. 2020.

Aprovado em: 30 mai. 2020.

Publicado em: 5 nov. 2020.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o encontro como realidade fundamental para a formação da consciência moral da juventude, colocando em diálogo Romano Guardini, Alfonso López Quintás e Papa Francisco. O primeiro ponto é uma reflexão sobre a categoria *encontro*, seu significado e o sentido da vida, relação na qual Quintás é o autor contemporâneo que mais se destaca e, ao mesmo tempo, Francisco é quem a tem proclamado ao mundo. No segundo ponto, a reflexão é sobre a consciência moral compreendida a partir da realidade do encontro com o auxílio dos pensamentos de Guardini e Francisco. O último ponto indica como a formação da consciência moral, a partir do encontro, tem a capacidade de ajudar o adolescente e o jovem na formação de uma consciência para o bem, na qual se destacam a descoberta e a acolhida de valores que os ajudam a sair da autorreferencialidade e descobrir um sentido para a vida.

Palavras-chave: Encontro. Formação da consciência. Juventude. Romano Guardini. Alfonso López Quintás. Papa Francisco.

Abstract: This article aims to present the encounter as a fundamental reality for the formation of moral conscience of youth, putting Romano Guardini, Alfonso López Quintás and Pope Francis into dialogue. The first point is a reflection on the category of encounter, its meaning and the sense of life, a relation of which Quintás is the most outstanding contemporary author and, at the withal, Francis is the one who has proclaimed it to the world. In the second point, we reflect on the moral conscience understood from the reality of the encounter with the help of Guardini and Francis's thoughts. The last point indicates how the formation of moral conscience from the encounter has the ability to help adolescents and young people in the formation of a conscience for the good, in which the discovery and acceptance of values that help them to come out of self-reference and discover a sense of life.

Keywords: Encounter. Formation of Conscience. Youth. Romano Guardini. Alfonso López Quintás. Pope Francis.

Introdução

Uma das grandes perguntas que se faz hoje é esta: *como formar as gerações de crianças, adolescentes e jovens que estão vindo aí?* Ao pensarmos no tempo presente, logo percebemos que é um tempo de desconforto diante das grandes mudanças deste período da história. Pode-se pensar na crise de instituições como a família, o Estado, a religião, bem como tudo o que, antes, era referência de autoridade. Cresce a autorreferencialidade, onde o individualismo e o consumo são as diretrizes da *vida*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Pontificia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, RM, Itália.

considerada realmente *boa* de ser vivida.² Além disso, aquilo que mais impacta o mundo atual é a grande revolução da informação, da *Big Data*, a revolução tecnológica e o *novo ser humano* ou, ainda, a nova visão sobre o humano que está surgindo daí, que é a forma mais radical daquilo que, na década de 1960, foi chamado de *Cyborg*.

Longe de pensar que os tempos passados é que eram bons ou que se perdeu a *boa e velha moral*, acredita-se que a contemporaneidade é rica em oportunidades para um desenvolvimento ainda mais profundo e integral do ser humano. Contudo, é importante perceber que existem algumas coisas que não vão bem, e, uma delas, parece ser um elemento fundamental para o desenvolvimento da pessoa: o sentido da vida, como bem identificou Clodovis Boff (2014). A outra, é o modo em que uma pessoa se relaciona com a outra. Isso influencia diretamente no *ethos*, tanto individual quanto comunitário, assim como nos valores compartilhados e acolhidos.

A reflexão que segue visa dar pistas sobre como formar a consciência moral da juventude na contemporaneidade, através de um diálogo entre Romano Guardini, Alfonso López Quintás e Papa Francisco. O eixo de reflexão que perpassa o pensamento dos três é o *encontro*. É no encontro que as realidades se transformam e a consciência moral faz a experiência dos mais altos valores, decidindo-se pelo bem em cada momento, em cada agir humano, até formar-se como uma *memória* das experiências do bem. É na cultura do encontro, que a pessoa vislumbra um sentido, uma direção para a sua vida, saindo da atual crise.

Enquanto reflexão de cunho teológico moral, propõe-se, neste artigo, a ideia de um caminho de descoberta, aquisição e desenvolvimento de valores, a partir da realidade do encontro. O que o Papa Francisco chama de "cultura do encontro", que pode despertar nos jovens uma missão a ser vivida com paixão (*Christus vivit* 16g). O encontro

é muito mais do que estar junto com alguém, é abrir-se ao mundo do outro, deixando-se interpelar por ele, criando, ali, uma série de possibilidades que se manifestam nos limites da vida, de onde vemos os valores morais surgirem com espontaneidade, interpelando aqueles que os percebem a assumi-los. É próprio na cultura do encontro, através da assunção de valores, que aconteça a formação da consciência moral por excelência.

1 O encontro e o sentido de vida³

Em uma das meditações matutinas, realizadas nas missas da Casa Santa Marta, o Papa Francisco faz um convite aos cristãos, o de trabalhar por uma cultura do encontro, pois, no caminho da vida, muitas vezes, se vê, mas não se olha, se ouve, mas não se escuta, se cruza com outras pessoas e, até mesmo, se fala com os outros, mas não acontece o encontro. Nas palavras do Papa, se diz, muitas vezes, "que pena, pobrezinho!", mas não acontece uma aproximação. No texto evangélico, meditado pelo pontífice (*Lc 7,11-17*), Jesus, ao passar pela viúva de Naim, a viu e foi além, "sentiu compaixão" e, a partir daquele momento, aconteceu o encontro que transformou a vida daquela mulher. "Cada encontro é fecundo. Cada encontro restitui as pessoas e as coisas ao seu lugar" (FRANCISCO, *Por uma cultura do encontro*).

Para compreendermos em profundidade a realidade do "encontro", é importante compartilharmos o pensamento de Alfonso López Quintás, filósofo espanhol que, ao longo de sua vida, vem aprofundando-se e estudando, como nenhum outro, essa categoria. Para o autor, em cada tempo, é necessário refazer a pergunta sobre o sentido da vida, sobre como alcançar uma vida em plenitude. Para tal, é preciso descobrir, ou redescobrir, a cada momento, o ideal de vida, ou seja, a que somos chamados neste mundo que, tirando a especificidade de como isso se realiza, é a comunhão de vida, que se dá atra-

² O termo *vida boa* deve ser entendido como expressão ética de como conduzir a vida e manifestar o agir a partir de um fim vinculado a um projeto de vida, que reflete na realidade comunitária. Evidentemente que numa cultura que tende ao hedonismo a *vida boa* será aquela ligada ao prazer como finalidade.

³ O primeiro e segundo pontos deste artigo são baseados, ainda que reescritos, no primeiro e terceiro capítulos da dissertação de mestrado PAGOT, T. *A formação da consciência moral a partir da filosofia do encontro de Alfonso López Quintás*. Dissertação (Dissertação em Teologia Moral) – PUG. Roma: 2019.

vês do encontro e da busca da unidade (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 178-179).

Para entender a realidade do "encontro" no pensamento de López Quintás, é necessário clarear o que significa o pensamento ambital⁴ e o caminho para chegar ao ideal de unidade e à comunhão de vida. Sempre que alguém está diante de um objeto, sobretudo, de uma pessoa, existe a possibilidade de formar uma relação frutífera ou, ao contrário, formar uma relação de usura e de abuso do objeto ou da pessoa de quem se está diante. Para que as relações se desenvolvam sobre a primeira possibilidade, Quintás chama a atenção para a necessidade de uma mudança de mentalidade e de adquirir um *olhar profundo* sobre a realidade, um olhar que seja capaz de levar ao desenvolvimento integral da pessoa,⁵ porque abre diante dela, um mundo de possibilidades, ao mesmo tempo, marcada por limites. Porém, são justamente esses limites que abrem a porta a uma vida criativa (LÓPEZ QUINTÁS, 2016, p. 28-30).

Diferentemente do objeto, um âmbito é uma realidade aberta, que oferece inúmeras possibilidades, colhendo e acolhendo o que o entorno oferece. Em se tratando do ser humano deve-se ter a sensibilidade de reconhecê-lo sempre como um âmbito e jamais como objeto. O objeto pode tornar-se um âmbito se aquele que entra em contato com ele se abre à possibilidade de acolhê-lo e, no confronto com os seus limites, encontrar possibilidades criativas. É necessário entrar em um campo de "jogo criador, onde toda a realidade adquire a condição de 'âmbito' e obtém um grau mais elevado" (LÓPEZ Quintás, 2004, p. 128). O risco é que, quando não se entra em relação ambital com um outro ser humano,

facilmente ele torna-se um objeto que pode ser manipulado e manobrado. Nesse nível de relação, a liberdade desaparece sobre o próprio nome de liberdade, que o autor chama de *liberdade de manobra*, na qual só se busca a realização dos próprios desejos, não enxergando no outro mais que um simples meio para a realização de um fim centrado no *eu* (LÓPEZ QUINTÁS, 2011, p. 63-64).

O ser humano é uma realidade complexa, que possui diversas dimensões que se reúnem no eu pessoal, impulsionando-o para o mundo criado, onde entra em relação com tudo o que se apresenta diante dele, de modo especial com os outros. Ele somente encontra sentido e cresce pessoalmente, descobrindo-se um âmbito, uma realidade aberta, e se for capaz de perceber os diferentes níveis de realidade que existem.

López Quintás identifica quatro níveis de realidade positiva e quatro níveis de realidade negativa. Para que o ser humano ande nos níveis de realidade positiva, ou seja, aqueles que favorecem o crescimento pessoal, é necessário renunciar à liberdade de manobra e à possibilidade de uso das coisas e dos outros, buscando dar sentido a cada escolha feita na vida.

O primeiro nível positivo é onde se encontram as possibilidades de ascensão às realidades éticas e de bem-estar superiores, como a possibilidade de desencadear uma descida a níveis sempre inferiores. É o nível próprio dos objetos e dos impulsos interiores, onde posso fazer a escolha por uma relação egoísta e um prazer centrado no "eu", ou posso renunciar a esse primeiro movimento abrindo espaço para a possibilidade do encontro (LÓPEZ Quintás, 2011, p. 95-96). Essa renúncia, acontece a partir do momento em que identifico o outro como

⁴ "Âmbito" é um conceito essencial no pensamento de López Quintás. Em relação aos objetos, esses podem tornar-se âmbito a partir da importância que o sujeito atribui e do modo como vê a realidade e entra em relação com ela. Âmbito significa "realidade aberta", O autor diz que "a primeira tarefa é aprender a olhar, e descobrir que em nossa volta há realidades abertas e realidades fechadas. *Realidade fechada* é a que está aí sem ter relação alguma comigo; por exemplo, uma tábua quadrada que vejo na oficina de um carpinteiro. Neste momento não me oferece possibilidade alguma para realizar o que tenho nas mãos. A vejo, por tanto, como mero objeto, uma realidade fechada. Mas imaginemos que pinto nela alguns quadradinhos brancos e pretos. Eis aqui a primeira transfiguração. A tábua se transformou em *realidade aberta* porque agora, como tabuleiro, é capaz de oferecer-nos possibilidades para jogar xadrez ou damas. É uma realidade que se abre a nós para permitir-nos jogar, criar jogadas, tender a uma meta, exercitar a imaginação... Por ser uma realidade aberta e abarcar certo campo, chamaremos *âmbito de realidade*, ou simplesmente *âmbito*. Como tal, tem uma *classe superior* à tábua vista como objeto" (LÓPEZ QUINTÁS, 2011, p. 36-37).

⁵ Em um texto que leva o nome de *O olhar profundo*, o autor chama a atenção que para adquirir um olhar profundo é preciso oferecer um caminho apresentando *como* adquirir tal olhar, *amadurecendo a inteligência*, descobrindo o *poder do simbólico*, abrindo *acesso à transcendência*, *integrando os níveis de realidade*, passando a uma *nova forma relacional de ver e de pensar*, possibilitando assim uma *nova fonte de conhecimento* (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2014, p. 3-9).

um âmbito, uma realidade aberta que oferece a possibilidade de enriquecimento mútuo.

A renúncia é a passagem para o nível 2, onde os objetos são elevados à condição de âmbito, que exige uma atitude de generosidade.⁶ Nesse nível, as relações são mais profundas e enriquecedoras, surgindo a possibilidade da descoberta de valores e de sua assunção. Começam a formar-se relações sempre mais estáveis e enriquecedoras e, conforme esse modo de relação vai crescendo, acontece a entrada no nível ético, que é o terceiro nível de realidade de conduta, no qual aquele que faz a opção pela realidade ambital, começa a sentir-se fortemente vinculado aos valores como a bondade, a verdade, a beleza, a justiça e a unidade, bem como, a outros valores que se relacionam com eles. Contudo, para conseguir fazer essa passagem do nível 2 para o nível 3, é necessário que comece a descoberta daquilo que López Quintás chama de *ideal de vida*, que não é um ideal no sentido utópico e não realizável, mas é a busca da unidade e comunhão que se manifestam através da doação de si. Uma vez descoberto esse ideal, a pessoa passa a orientar toda a sua vida para ele, que é próprio, o que vai dando sentido à vida (LÓPEZ Quintás, 2011, p. 96-109).

Por fim, uma vez vinculada aos valores, no nível 3, a pessoa começa a ver na sua vida o cumprimento desses valores, como única resposta possível ao bem, apesar de muitas outras propostas se apresentarem diante dela. Quando a permanência nesse nível torna-se estável, surge uma última passagem, que é a do nível 4. Esse é o nível religioso, no qual aquele que se percebe vinculado à bondade, à verdade, à justiça, à beleza e à unidade, começa a querer vincular-se àquele que é todo Bondade, Verdade,

Justiça, Beleza e Unidade. Aqui, encontra-se a total solidez e fundamento desses grandes valores (LÓPEZ Quintás, 2011, p. 110-111).

Por outro lado, se não ocorrer no nível 1 a renúncia à liberdade de manobra e ascensão à realidade ambital, inicia-se um movimento de descida à níveis inferiores de realidade, em que, no âmbito das relações humanas e da própria vida pessoal, ocorre um processo de desumanização do outro e de si mesmo.

Existem quatro níveis negativos que iniciam sempre por uma escolha egoísta em que se visualiza um falso bem, através de atitudes prazerosas. O problema é que, quando alguém se fecha ao enriquecimento mútuo e parte para atitudes egoístas, as primeiras sensações são prazerosas, mas, normalmente, envolvem a manipulação e o domínio do objeto ou do outro, fazendo desse tipo de atitude um hábito. As primeiras impressões são de um grande prazer e euforia, mas, logo após, vem a decepção, a tristeza, o sentimento de vazio interior, a angústia e, entrando em uma fase mais crítica, o desespero, a solidão asfíxiante e a destruição (LÓPEZ QUINTÁS, 2006, p. 21-23). Esse último estágio pode, inclusive, levar ao suicídio.

Olhando para os níveis positivos e negativos de realidade e de conduta, pode-se imaginar a vida de cada um em uma grande escada, onde existe a possibilidade de subir ou descer. Subir requer sempre mais fadiga, enquanto descer, muitas vezes, traz um alívio momentâneo. Claro que a vida humana é muitíssimo mais complexa que um subir ou descer uma escada, mas uma coisa é certa, cada escolha e cada ação que se faz, contribui para formar a nossa sensibilidade que influencia, diretamente, na formação da consciência moral. Sensibilidade entendida como "uma orientação emotiva, mas também mental e

⁶ Aqui é importante dizer que é possível a transformação de objetos em âmbitos, que nem sempre acontece. Depende do interesse e do modo de relação que se estabelece com um objeto. Um exemplo que Quintás repete muitas vezes é o da partitura musical (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2008, p. 491-493). A pessoa que não tem o conhecimento das notas musicais e vê uma partitura, jamais conseguirá ver um âmbito naquele papel, quicá o usará para acender uma fogueira. Ao invés, um músico poderá estabelecer com a partitura uma profunda conexão fazer daquela música a mais bela interpretação jamais realizada. Haverá ali um enriquecimento mútuo e diante da liberdade que tem o músico, que deve respeitar os limites da partitura, surge a criatividade da interpretação. De outro lado, nas relações interpessoais, jamais é permitido que alguém se mova no nível dos objetos, pois o outro que está diante de mim é sempre um âmbito. Contudo, aquele que se move apenas no nível 1 de conduta e realidade corre o risco de transformar a pessoa em um objeto de manobra e, assim, diminuir o valor da pessoa. Evidentemente a discussão entre sujeito e objeto é muito mais complexa e nos reenvia aos realismos platônico e aristotélico, bem como aos nominalismos e a atual filosofia analítica. Para aprofundamento do tema na perspectiva da identidade pessoal recomenda-se: VIANA, W. C. *A metafísica da pessoa: o problema da identidade pessoal no debate contemporâneo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

decisional, impressa no mundo interior do sujeito desde as suas vivências pessoais, a partir da sua infância e em modo sempre mais significativo das suas escolhas cotidianas" (CENCINI, 2018, p. 240).

Cencini diz que cada escolha feita deixa uma marca que não é indiferente ao que diz respeito à orientação da própria vida, seja em uma questão de pequena ou de grande importância. Se alguém pensa que, em uma situação de pequena importância, fizer uma escolha que vá, mesmo que minimamente, contra a sua opção fundamental⁷ isso não irá interferir na orientação da sua vida, está enganado. As escolhas que cada um faz tem uma energia que aponta para uma direção. Caso a escolha feita não esteja de acordo com a identidade-verdade (ou vocação), a energia vai em direção oposta, reforçando "sentimentos, desejos, atrações que vão em *outro* sentido", contrário à identidade (CENCINI, 2018, p. 31). É como se a vida fosse uma grande torre e se tirasse uma pedra por vez de sua base. Quando tira-se as primeiras pedras, não se percebe as alterações na estrutura, mas conforme essas pequenas escolhas e atitudes avançam na direção oposta à verdade-identidade, a torre pode desmoronar. Por isso, a realidade relacional do encontro, onde a pessoa se descobre como âmbito e passa a buscar a comunhão de vida como ideal, é capaz de transformar o ser humano e dar um sentido profundo à sua vida.

2 A consciência moral e a realidade do encontro

Definir o que é a consciência moral é uma tarefa não muito simples, visto as grandes discussões que se seguiram o pós Concílio Vaticano II, sobretudo no tocante à autonomia e heteronomia.

O que é a consciência moral? É o lugar onde se manifesta a lei eterna e o sujeito deve conformar-se a ela ou é o lugar da autonomia a qual o sujeito deve seguir acima de tudo independente da lei eterna? Do Concílio, passando por *Veritatis*

splendor e ganhando novos elementos em *Amoris laetitia*, a discussão, no que tange à consciência, está sempre em tensão entre esses dois polos, com as mais diversas tonalidades entre posições mais radicais e outras mais equilibradas.⁸

O objetivo aqui, não é dar uma definição, mas apresentar elementos para a compreensão da consciência moral que leve em consideração a integridade e a integralidade da pessoa. Para tal, é preciso pensar a consciência moral como espaço de relacionalidade com Deus, com os outros e com o mundo dentro da história, a partir de um sujeito moral consciente, livre e responsável. Assim, o juízo moral e a tomada de decisão acontecem na relacionalidade, envolvendo toda a pessoa e as suas vivências concretas. É interessante que, nesse sentido, as reflexões de Romano Guardini, bem como as de Francisco, nos ajudam.

A consciência moral, em Romano Guardini, deve ser entendida na unitotalidade antropológica do ser, que é captada a partir da personalidade.

[...] A personalidade é o fato de que um ser está integrado no mundo mediante numerosas relações de mútua dependência com coisas, processos, seres vivos e outros homens, mas a intimidade permite afastar-se de tais contextos, ganhar distância e, a partir desse distanciamento, julgar-se a si mesmo, diferenciar-se, adotar uma atitude moral a respeito de si, ser responsável de si (GUARDINI, 2010, p. 547, tradução nossa).⁹

A personalidade, como manifestação do ser pessoa, é uma personalidade relacional dialógica, onde são fundamentais as experiências de encontro com Deus, com o outro e com o mundo que manifesta-se diante de cada um, sendo necessária a busca de conhecimento dentro desses três "espaços" relacionais, sempre conduzida pela liberdade e pela linguagem, que tem uma dimensão transcendental, visto que, na relação entre sujeitos (*eu-tu*) a linguagem favorece a compreensão de si e revela a própria interioridade que sai em direção ao outro (GUARDINI, 2010, p. 464).

⁷ A tradição moral do pós-concílio Vaticano II cunhou esse termo para referir-se àquela grande escolha que orienta a vida toda da pessoa e na qual está alicerçada, o que na filosofia de Quintás podemos associar ao *ideal de vida*.

⁸ Para quem desejar aprofundar essas discussões sobre moral autônoma e heterônoma onde entra sempre o papel da consciência moral pode ver Kaczynski, E. *La coscienza morale nella teologia cattolica*; Chiodi, M. *Teologia morale fondamentale*.

⁹ Do original: La personalidad es el hecho de que un ser está integrado en el mundo mediante numerosas relaciones de mutua dependencia con cosas, procesos, seres vivos y otros hombres, pero la intimidad permite salirse de tales contextos, ganar distancia y, desde ese distanciamento, juzgarse a sí mismo, diferenciarse, adoptar una actitud moral respecto a sí, ser responsable de sí.

A busca do conhecimento nas relações, no modo mencionado acima, está empenhada na verdade e no conhecimento do *bem*. Isso é fundamental, porque a consciência moral em Guardini, está estritamente ligada a existência do *bem*, pois é sempre consciência do *bem*. No espectro das relações, o *bem* chama a consciência a realizá-lo: a interpela e pede o seu reconhecimento e, por fim, a sua realização (GUARDINI, 2015, p. 151). Para o autor, o cumprimento do bem é uma *criação*, o surgimento de um novo, visto que, é o bem que se realiza em um momento específico e dentro de um contexto específico, pois a criatividade se dá na vida e o bem colhido é o bem que acontece na vida da pessoa (PAGOT, 2019, p. 53).

A *consciência do bem* se desenvolve na relação com os valores,¹⁰ pois além de serem em si *bem*, são capazes de revelar sempre mais a verdade sobre o bem. Na realidade do complexo relacional, a pessoa está diante do valor que, por sua vez, irradia a sua força e a atrai. No momento em que entra em relação com o valor, o ser humano é afetado no mais íntimo do seu ser e responde com a vibração do próprio ser. Quando a experiência, com o valor se transforma em vibração do ser, o amor é revelado no interior da pessoa (GUARDINI, 2010, p. 84-87). O *bem* é esse altíssimo valor que faz vibrar o ser e é justamente quando acontece esse tocar a profundidade do ser, que a vida encontra sentido, uma direção nova que surpreende e que é totalmente diferente das experiências vividas anteriormente, com valores de menor nobreza na hierarquia dos valores (GUARDINI, 2010, p. 34). Lembremo-nos aqui, dos níveis de realidade e conduta de López Quintás nos níveis ético e religioso, pois, a experiência com o bem, encontra o seu nível mais alto de vibração na experiência com o sumo Bem.

Além disso, outras duas realidades são importantes para a consciência moral e a identificação do bem, em função da sua realização: a relação com Deus e o recolhimento; duas realidades que devem andar juntas. No sumo Bem está a raiz de todo o bem, por isso, para Guardini,

[...] uma vez que a consciência é o lugar da acolhida do bem e do seu reconhecimento, torna-se do mesmo modo, o lugar onde Deus atua. Por isso, a consciência é o lugar onde o ser humano se relaciona com a realidade que se apresenta e com o próprio Deus, que ali se faz presente e age. Esse agir acontece na forma de diálogo e na manifestação da Providência, que, a sua vez, se apresenta ao homem em vários modos, inclusive através da lei natural e dos acontecimentos da vida do homem e do mundo (PAGOT, 2019, p. 58).

O recolhimento é um exercício necessário à consciência moral. Faz parte dela e auxilia na sua formação. É o exercício de *entrar dentro de si* e, ali, na relação interior com Deus, com as experiências que se fazem com os outros e com o mundo e na liberdade interior, decidir sobre as diversas situações, bem como criar um espaço de vigilância interior. É de responsabilidade da pessoa cuidar desse espaço e ampliá-lo sempre mais (GUARDINI, 2015, p. 163). Apesar de Guardini não utilizar essa expressão, podemos dizer que é no recolhimento que acontece o *discernimento*, por isso a consciência moral é consciência discernente. Realidade interior que tendo colhido as impressões das experiências com Deus, com os outros e com o mundo, na sua autonomia, cria a consciência como consciência do bem e consegue discernir sobre o bem em cada situação que acontece na vida e que exige uma resposta sobre o bem.¹¹

Vem muito ao encontro do pensamento de Guardini aquilo que Francisco tem indicado sobre a consciência moral. Ela é o espaço ou realidade interior onde se busca escutar a verdade, o bem e o próprio Deus; "é o lugar interior da minha relação com Ele, que fala ao meu coração e me ajuda a discernir a compreender qual é o caminho a percorrer, e uma vez tomada a decisão, a ir em frente, a permanecer fiel" (FRANCISCO, 2013). É nesse espaço interior e relacional de discernimento que a pessoa confronta as experiências da vida e as situações de cada momento com o conhecimento da lei objetiva e nesse diálogo interior faz a opção pelo maior bem possível

¹⁰ Aqui compreendido como em Quintás, em uma ampla perspectiva axiológica.

¹¹ Essa ideia de consciência moral relacional se afasta de visões extremas de autonomia e heteronomia, pois é diante de Deus que "afirma-se em mim" e que o "meu eu esforça-se para entender o bem diante da face de Deus, como uma instância da santidade, traçando o seu significado da realidade disposta pela Providência" (GUARDINI, 2015, p. 163).

(*Amoris Laetitia* 308). Aqui, percebe-se a importância de uma consciência compreendida como relacional, uma vez que, em algumas situações da vida, não se consegue responder à lei moral exatamente como vem formulada.

Guardini identifica, ainda, três fases na relação da consciência com o ato moral. A primeira, é a consciência moral antecedente, na qual acontece a tomada de consciência diante daquilo que pede uma resposta e avaliam-se os valores envolvidos identificando se é um bem ou não até passar para a ação. A segunda, é a chamada consciência moral concomitante, que empenha-se em manter a orientação daquilo que foi assumido na fase anterior. A terceira fase, consiste em examinar e julgar a ação realizada. Assim, desenvolve-se e cresce a livre responsabilidade, pois, reconhece-se a ação como *minha ação* realizada livremente (GUARDINI, 2010, p. 94-97).

3 Formação da consciência moral e a juventude

A formação da consciência moral diz respeito a formação de toda a pessoa, uma formação que seja integral e que ajude a pessoa a ser responsável pelo próprio caminho, discernindo e decidindo em cada momento da vida. Guardini chega a dizer que "a educação é, no fundo, formação da consciência moral" (GUARDINI, 2010, p. 102). Na formação do ser humano não existe uma separação entre a formação da consciência moral e a formação de alguma outra instância humana. No momento em que considera-se a pessoa na realidade do encontro, todas as experiências são capazes de formar a consciência, entendendo que em cada experiência de encontro abre-se diante de cada um o mundo dos valores, e quanto mais profunda for a relação de encontro, mais profundos serão os valores com possibilidade de serem acolhidos.

Quando compreendemos a consciência como relacional e lugar de discernimento, como referido anteriormente, deve-se admitir que a consciência pode errar nesse discernimento e, justamente por isso, ela necessita de formação. Romano Guardini diz que existe um ciclo na educação da consciência. Nas diversas situações da vida, a consciência

julga e orienta, revelando dois tipos de atuação: a consciência, enquanto envolvida diretamente na ação com todas as circunstâncias e dificuldades no reconhecimento e realização do bem, e a consciência que faz a crítica da primeira. O ciclo educativo acontece como autocritica da crítica realizada sobre a consciência envolvida na ação. É um ciclo que se apresenta nas diversas fases de desenvolvimento da pessoa, e deve acontecer em todos os modos relacionais (GUARDINI, 2010, p. 103-105). Nesse ciclo educativo, o exercício do recolhimento é fundamental, pois é ali que a pessoa entrará na sua interioridade e realizará os movimentos interiores de autocritica e crítica da autocritica através de um diálogo, individuando a cada momento, em situações sempre novas, o bem a realizar. É sempre exercício de criatividade.

A formação da consciência e o ciclo educativo que a compreende ganha maior profundidade quanto mais nos aproximamos e, no caso dos jovens, quanto mais os ajudamos a aproximarem-se das experiências *agápicas* do evangelho. Evidentemente que o primeiro e principal encontro é com a pessoa de Jesus, mas logo após esse encontro vem o convite do próprio mestre a "abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com sua presença contagiosa permanecendo lado a lado" (*Evangelii gaudium* 88). É a revolução da ternura como indica Francisco. É o ágape, que traduz o amor em cuidado do outro e pelo outro, e o amor caritas, que é o ágape assumido como serviço, como missão ou ideal de vida como indicava Bento XVI (*Deus caritas est* 6, 20).

Cada encontro com o outro vai transfigurando a pessoa que abre-se a esse novo mundo de possibilidades. Quando mais alguém evolui na dinâmica do amor *caritas*, mais acontece uma transformação do *ethos* pessoal, e mais fortemente a consciência é formada em direção ao bem. É importante que o caminho formativo da consciência moral inicie com a generosidade, que é o abrir as portas para um novo modo de ver e perceber o mundo e estabelecer o encontro e a unidade como ideal de vida, que tem na caridade os mais

altos níveis de encontro, muitas vezes podendo chegar à radicalidade, que é o caso do martírio.

Os atuais estudos sobre valores humanos básicos e valores morais entre adolescentes e jovens no Brasil têm ajudado a compreender quais valores se sobressaem entre adolescentes e jovens na atualidade, mostrando uma mudança na gama de valores assumidos em comparação com épocas anteriores.¹² Independente da mudança que acontece em relação aos valores (esses interferem diretamente na formação da consciência) assumidos por adolescentes e jovens hoje, a cultura do encontro tem a capacidade de ajudá-los a descobrir valores que proporcionam uma saída da autorreferencialidade, fazendo-os entrar em uma via de crescimento no desenvolvimento pessoal, em direção a uma vida que encontra sentido na unidade e na comunhão, que é o que leva a pessoa a uma verdadeira realização pessoal. Por isso, a formação da consciência moral da juventude deve ter o *encontro* como lugar e realidade de formação por excelência.

Considerações finais

Não existe uma fórmula para a formação da consciência moral da juventude, mas a cultura do encontro é capaz de resgatar o sentido da vida, apontando para uma relacionalidade sadia, que tem a possibilidade de transformar as atitudes e decisões diante dos sofrimentos e dilemas da vida do jovem; é capaz de uma mudança de *ethos* pessoal e comunitário, resgatando valores que, no seu conjunto, são capazes de apontar para o bem moral e criar uma consciência do bem.

A realidade do encontro, a partir de Romano Guardini, Alfonso López Quintás e Papa Francisco indica um caminho para a formação da consciência moral na contemporaneidade. Contudo, a reflexão sobre os valores morais e uma ampla gama de valores,¹³ fundamentais na formação da consciência moral, deve agora empenhar-se em captar quais são os valores cultivados pela juventude de

hoje. Além disso, é importante tentar avaliar como alguns desses valores, fortalecidos, podem ajudar no resgate de valores essenciais para a formação da consciência moral, que são os valores que envolvem a saída da autorreferencialidade.

O presente artigo é uma tentativa de chamar a atenção para a cultura do encontro e para as experiências de um verdadeiro encontro, no âmbito pessoal e comunitário, que tem o poder de levar o adolescente e o jovem, da atual sociedade, com tendências mais individualistas e voltadas para o consumo, ao acolhimento de valores mais elevados. Esses valores são justamente aqueles que provocam a saída de si e o voltar-se para outro, sendo a caridade o mais alto grau de resposta ao bem no nível religioso (nível 4 de realidade e de conduta). Tentou-se colher um pouco das reflexões desses três pensadores cristãos, Romano Guardini, Alfonso López Quintás e Papa Francisco, pois ambos apresentam o *encontro* como eixo fundamental de transformação, tanto do *eu* pessoal, quanto da realidade sócio comunitária, o que é essencial para a formação da consciência moral como *consciência do bem*, assim como para a formação do *ethos* pessoal e comunitário.

Referências

- BOFF, C. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje* (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014. v. 1.
- BENTO XVI. *Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CENCINI, A. *Dall'aurora io ti cerco: evangelizzare la sensibilità per imparare a discernere*. Milano: San Paolo, 2018.
- CHIODI, M. *Teologia morale fondamentale*. Brescia: Queriniana, 2014.
- FRANCISCO. *Amoris laetitia: exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família* (19.03.2016). São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO. *Angelus*. 30 de junho de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130630.html. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹² Muitos trabalhos têm se desenvolvido na área da psicologia social no Brasil a respeito dos valores. Cito, por exemplo, os estudos Yves de La Taille e Valdiney V. Gouveia e, a partir desses autores, vários outros.

¹³ Valores fundamentais, afetivos, intelectuais, estéticos e outros na grande gama axiológica, reabilitados de certa forma pela filosofia dos valores e das virtudes do século XX e início deste século. Cf. GORDZYCA, 2011, p. 221-226.

FRANCISCO. *Christus vivit*: exortação apostólica pós-sinodal. 25 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 27 dez. 2019.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: exortação apostólica pós-sinodal. 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*: Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Casa de Santa Marta. Roma, 13 set. 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 13 jan. 2019.

GUARDINI, R. *Ética*: lecciones de la Universidad de Múnich. Madrid: BAC, 2010.

GUARDINI, R. *La existencia del cristiano*. Madrid: BAC, 2010.

GUARDINI, R. *Scritti sull'etica. I*, Opera Omnia IV, Brescia: Morcelliana, 2015.

GORDZYCA, J. *Essere per l'altro*: fondamenti di etica filosofica. Roma: GBP, 2011.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Vértigo y éxtasis: una clave para superar las adicciones*, Madrid: Rialp, 2006.

LÓPEZ QUINTÁS, A. El conocimiento de los valores. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, Madrid, v. 25, p. 491-493, 2008.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Descubrir la grandeza de la vida: Una vía de ascenso a la madurez personal*, Bilbao: Desclee De Brower, 2011.

LÓPEZ QUINTÁS, A. La mirada profunda. Sus condiciones y su fecundidad. *Anales*, [s. l.], Madrid, v. 91, p. 1-26, 2014.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *O conhecimento dos valores: introdução metodológica*, São Paulo: É Realizações, 2016.

KACZYNSKI, E., La coscienza morale nella teologia cattolica. *Angelicum*, Roma, v. 68, n. 1, p. 65-94, 1991.

PAGOT, T. *A formação da consciência moral a partir da filosofia do encontro de Alfonso López Quintás*. 2019. Dissertação (Dissertação em Teologia Moral) – Pontifícia Universidade Gregoriana. Roma: 2019.

VIANA, W.C. A metafísica da pessoa: o problema da identidade pessoal no debate contemporâneo. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

Endereço para correspondência

Talis Pagot
Collegio Pio Brasiliano
Via Aurelia, 527
00165
Roma, RM, Itália

Talis Pagot

Mestre e doutorando em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, RM, Itália; Padre da Arquidiocese de Porto Alegre, graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.